

O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO
NA EDITORIA L. COME BARBÃO, 50 - LISBOA

REDACÇÃO
E
ADMINISTRAÇÃO
T. DA ESPERA 53.11
LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNO 1000 REIS
SEIS MEZES 500
TRES MEZES 300
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS, PREÇO CONVENCIONAL

ANNO

2º

Nº 101.

Terça feira, 1 de FEVEREIRO de 1910



«O Xuão» carnavalesco

Alem do numero extraordinario distribuido gratuitamente, publicaremos no domingo 5 de fevereiro, o numero 102 d'este semanario.



Logica politica

31 de Janeiro de 1891!

28 de Janeiro de 1908!

Que significam estas duas datas? Significam apenas isto: que as mesmas causas produzem os mesmos effeitos.

Imaginae um paralytico, tolhido de pés e mãos; um escravo, arrastando a grilheta dos condemnados; um eterno explorado, calcado e pisado pelos que se dizem seus patrões, amos e senhores; imaginae um viandante incauto que, n'este caso, é o contribuinte, assaltado, em plena estrada, por um mascarado de trabuco em punho, que, n'este caso, é o fisco; imaginae, um desgraçado, em noite cerrada, perdido e estonteado, sem poder atinar com o caminho—que tal é a situação do analfabeto; imaginae um cidadão, a quem confiscaram todas as garantias, perseguido pela policia, vexado pelas auctoridades, arremessado para o fundo de um calabouço infecto; imaginae uma sociedade, onde o arbitrio substituiu a lei, á mercê de caceteiros, roubada nos seus haveres e pagando o seu tributo á cubica estrangeira; imaginae um governo de criminosos confessos e incorrigiveis — e tendes o actual regimen, feito de surpresas, de covardia, de mordação, de protervia, de odios, de ciladas e de golpes golpes de Estado!

Este estado de coisas provocou a revolução de 31 de Janeiro no Porto.

O mesmo estado de coisas, aggravado com uma dictadura nefasta e odiosa, servida por espiões despreziveis, por traidores vis, provocou, por sua vez, tentativa de 28 de Janeiro de 1908.

A continuação d'este mesmo estado de coisas ha de provocar, inevitavelmente, n'um periodo, mais ou menos proximo, uma nova revolução, que ás circumstancias e a logica dos acontecimentos impõem, sob pena de desaparecermos do mappa das nações, como povo livre e independente.

Proclamar a Republica é, pois, salvar o paiz da bancarrôta; acreditar-o perante o estrangeiro; nobilita-lo; dignifica-lo; emancipa-lo da escravidão. E' o *ergue-te e caminha do* Evangelho!

Era isto o que queriam os revolucionarios de 31 de Janeiro, em 1891, e os de 28 de Janeiro, em 1908.

E' isto o que nós queremos. E é isto o que devem querer todos os que sinceramente amam a sua patria.

Ou a vida com honra, cu a morte com ignominia.

Escolhei.

Magalhães Lima.

Dois annos depois

Recordação do mez de janeiro de 1908

Brumia o mar na barra, alteroso;
O vento frio, cortante, sibilava;
Cahia o aguaceiro copioso
Que as ruas em torrentes alagava.
Em baixo o Tejo, negro, volumoso
Em choques violentos se agitava.

Presente-se um desastre, um cataclismo
Que o mundo agite forte, retumbante;
Impetuoso rugo o despotismo
Fsmagando o peito á Patria soluçante;
Impera a malvadez e o cynismo
Da fêra dictadura ululante.

O monstro agita o dorso em convulsões;
O vento traz lufadas d'incerteza;
Redobra o despotismo em oppressões
Porque ouve ao longe os sons da Marselheza
Sahidos de milhar's de corações
Em horas d'amerçura e de tristeza!

Mas, vem o dia vinte e oito, o dia
Que a Patria surge livrá do torpôr
E quer esmagar a crassa tyrannia.
Raiando, lindo, o sol, no seu esplendor
Até no seu brilhar nos parecia
Vir mais intenso e rubro de fulgor.

Nas ruas, mesmo, trocam-se os olhares;
Nos peitos vê-se a chamma d'uma creença;
O povo ardente em febre sahe dos lares
E beija os filhos com ternura immensa;
Mas, vai correndo, toma os seus logares
Com fé na alma inda mais intensa!

A noite chega com seu manto escuro
Qual mãe que anima o filho a combater;
Parece respirar-se um ar mais puro
Na esperança gloriosa de vencer.
E d'olhos tórvos, fitos no futuro
Desprezam a idéa de morrer!

O Tejo dorme, agora, socegado
Coberto de neblina vaporosa;
No Carmo o sino bate, compassado,
A hora que se espera, anciosa!
Fatalidade!—O caso inesperado!
Fracassa a nocca obra gloriosa!

Um brado acode aos labios, a escaldar
Trementes de vingança e maldição.
O homem que devia ali soltar
O grito redemptor: Revolução!
E' prezo! Oh! céus! Lá vai sem hesitar
E n'alma leva a magoa da nação.

Tres dias mais, attinge o auge bruto
Decreto rude, fere inhumano
Sahido d'um governo vil, corrupto
Gerados nos instintos d'um tyranno
Pretende semear a morte, o luto
E sente em exterminar prazer insano!

Vulcão expellindo a lava com fragor!
Prosegue na tarefa vil, ingloria!
Assim um grito d'alma, vingador
Offerece a todo o mundo, para a Historia,
A morte do poder do dictador
De quem nos resta bem cruel memoria!

Styl.



QUATRO DATAS

31 de Janeiro de 1891: a nação, consubstanciada momentaneamente nos revolucionarios do Porto, intima mandado de despejo ao regimen culpado do *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890. E' vencido o movimento libertador, mas fica lhe o germen, e fica lhe os martyres da Republica a clamar por vingança.

28 de Janeiro de 1908: Lisboa esmagada sob a pata brutal dos maiores bandidos que teem estado á frente dos destinos do paiz, quer vingar as victimas de 1891, de 4 de

maio de 1906, de 1 de dezembro do mesmo anno, 18 de junho de 1907. E' vencida ainda, mas não desespera de vencer.

31 de Janeiro de 1908: D. Carlos assigna o infame decreto com que a quadrilha *thalassa* comemora o anniversario do movimento libertador de 1891.

1 de Fevereiro de 1908: Os jornaes publicam o decreto de 31 de janeiro. Toda a gente se indignou. Dois homens sentem-se allucinados. O que fizeram sabe-se. Que o pagaram com a vida ninguém o ignora. Que os monarchicos até tiveram medo de fardar de luto os seus jornaes é de todos sabido. Que a 2 de fevereiro toda a gente respirava melhor, é indiscutivel.

A monarchia nova chorou e prometeu emendar-se, e, para começar o cumprimento da sua promessa, assignava os eleitores á bocca das urnas, em 5 de abril.

E os malandros que assassinaram o 854 e o engraxador, julgam-se já em paiz conquistado.

E o povo cala se. Julgará que merece o regimen que atura?

Isso é com elle.

Augusto José Vieira.



Datas symbolieas

O 31 de janeiro de 1891 representou o protesto honrado d'um punhado de bravos contra a monarchia que deshonrava o paiz, trazendo o tratado como um vadio pelas nações da Europa.

O 28 de janeiro de 1908 foi mais alguma coisa: o manifestar da alma collectiva contra o jugo d'uma tutela oppressora, reaccionaria, sinistra, de batina, gazua e espada, que procurava assenhorear-se dos corpos e dos espiritos, encarcerando os primeiros e torturando os segundos.

Esse movimento que não disparou um tiro, nem fez explodir uma bomba, tornou-se, quanto a mim, n'um dos mais bellos actos revolucionarios, porque teve a sancção de todas as consciencias emancipadas.

De facto, a tyrania ficou de pé, mas em rigor foi estrondosamente abalada. Para que o abalo fosse sacudido, profundo, violento, nem sequer faltou a tragedia de 1 de fevereiro, no Terreiro do Paço.

Dois homens, amantes da liberdade e dos seus concidadãos, dispozeram-se ao sacrificio da propria vida e a um cair da tarde feriram no coração o regimen, atirando-lhe á cabeça. Bravos e martyres, a sua memoria será lembrada quando o paiz se redimir pela Revolução...

N'essas tres datas se consubstancia a historia moderna do povo portuguez. E' preciso estabelecer outra: a do definitivo triumpho popular.

Bem pouco é preciso para isso: coragem, fé, desinteresse—as tres forças que constituem o segredo das victorias do povo...

José do Valle.

Três datas

31 de Janeiro—28 de Janeiro—1 de Fevereiro

O paiz tem vivido em constante divorcio com a dynastia de Bragança, á qual não deve senão humilhações perante os estrangeiros e o agravamento da sua vergonhosa decadencia.

Em 1649, os fidalgos conspiradores collocaram sobre o throno de D. João I a pessoa de D. João IV, que, para iniciar a serie das covardias e das baixezas, nos quiz entregar a Castella. D. Pedro II, afim de lhe seguir o exemplo, entregou-nos á Inglaterra; D. João V á Roma; e D. João VI, para coroar a obra de seus avós, entregou-nos á França, fugindo para o Brazil,

A nação tem sido o penhor com que os Braganças mercadejam o seu bem estar pessoal nas casas de prego da Europa. D. Pedro dava Setúbal á Grã-Bretanha, comtanto que a Grã-Bretanha o ajudasse contra seu irmão D. Miguel, por ventura mais honesto.

Portugal, pois, que amava a primeira dynastia pelo prestigio que lhe dera a fundação da sua independencia, e a segunda pelo esplendor dos descobrimentos e das conquistas, nenhuma razão tinha para amar os Braganças mais do que amou os Filippes.

Depois da implantação do chamado regimen liberal, outra coisa se não fez entra nós, que não fosse pronunciações e revoltas. O reinado de D. Maria II encheu de sangue a terra portugueza. Com D. Pedro V abriu-se um parenthesis, mercê da fama de *santo* com que o incensaram os contemporaneos. D. Luiz, na sua bonhomia velhaca e no seu egoismo socegado, continuou, com ligeiros intervallos, esse parenthesis de paz.

De paz? Não, de tregual

E de tregua tão curta, que logo, no reinado de D. Carlos, o conflicto de ha tantos annos, aberto entre o povo e os reis, explodiu em 31 de Janeiro de 91, na cidade do Porto.

Não triumphou. Foi o seu crime. Aos movimentos revolucionarios não se lhes permite que não triumphem. A derrota, n'este caso, é um labé, e os honrados insurrectos do Porto bem o souberam, nas accusações que a imprensa do regimen lhes dirigiu.

O fracasso do 31 de Janeiro foi o inicio do engrandecimento do poder real. Abatida a consciencia publica, os governos bandearam-se com o soberano e o retrocesso, um retrocesso atroz e aviltante, começou então.

Esse retrocesso cristalisou um homem, que foi o seu genuino representante. Depois do rotativismo, que é a chicana arvorada em poder do Estado, veio João Franco, o poder arvorado em carrasco.

Attingiu-se o cumulo. De tal situação não podia sahir-se ás boas. Ou uma revolução ou um crime, como disse um estadista monarchico.

Tentou-se a revolução.

Falhou.

E porque falhou ella?

Não vale a pena inquirir. O facto é que falhou, deixando tudo peor do que estava.

N'esse momento de desespero, dois homens appareceram, vindos do anonymato, da turba.

Esses dois homens esperaram o rei e decidiram da contenda. Mataram-no!

Fizeram bem?

Nem fizeram bem nem fizeram mal. Fizeram o sufficiente para que a questão tivesse um ponto final. Ponto final demasiado violento é certo. Mas, n'estes gigantescos duellos das nações com os reis, o ultimo bote é, por vezes, uma tragedia inesperada.

Buissa e Costa mataram um rei e um principe. A monarchia não deve queixar-se. Foi um accidente de trabalho. Muitos operarios perdem os braços nas engranagens poderosas das machinas.

A monarchia, porém, não se consouou facilmente. Procura hoje tirar uma vingança.

De quem?

Do destino.

Para isso, creou a mesma atmosfera anterior ao regicidio, isto é, provocou o mesmo estado d'espírito.

E' a publicidade que acompanha as instituições, condemnadas á morte—suicidarem-se. A monarchia julga que o Partido Republicano não é a nação, como julgou, ha dois annos, que o Buissa e o Costa a não eram, e enganou-se.

Quando o cadaver de Buissa estava na Morgue, exposto ás vistas de todos, que, deante d'elle passavam em romaria piedosa, um individuo pagou na fria mão do morto e disse lhe, baixinho:

—«Obrigado, ó Buissa!»

Esse individuo—a monarchia não comprehende!—é, afinal, o paiz inteiro.

Eduardo de Carvalho.

31 de Janeiro de 1891

Vibra nos corações o toque de clarim Da revolta que exalta o povo escravizado; Já se vê Portugal liberto e aureolado O regime varrendo altivo e livre emfim!

Sacrificam-se heroes luctando até ao fim, Porém vem a traição, microbio sclerado E o movimento forte, o movimento ousado Foi vencido afinal!

A sorte o quiz assim!

Já respirou contente a malta dos traidores Escandorou a bocca a negra podridão Da esculha servil dos regios servidores.

Julgou-se eternamente a perros á nação, Mas a alvor: da ideal de rutilantes cores Ha de vingar, emfim, a pérfida traição!

Orlando.

FABULA

O corvo e o papagaio

Um papagaio estava na gaiola
E um corvo algo atrevido e mariola
Grasnou:

—Louro real quem vae á caça?
O papagaio altivo disse:

—Não
Ha dois annos, p'ra mais que D. Simão
Nem outro que eu conheça vae á caça.
E o corvo era teimoso.

—O' papagaio:
Berrou:—Então á caça nem tu vaes?
Nem á caça dos miseros pardaes?...
O papagaio altivo respondeu:
—Não me julgues p'rahi qualquer malaio
Isso querias tu pifio sandeu,
P'ra que eu fosse caçado, ó vil *thalassa!*
Já te conheço é p'ra ter graça...

—Heide-te caçar eu!

Orlando.



Oxalá

Meus amigos:

Conforme me pedem ahi vão algumas palavras sobre as datas que o *Xuão* celebra.

Em 28 de Janeiro de 1908 um grupo de rapazes temerarios mas altivos tentaram vencer o despotismo odioso de uma dictadura canalha. Vencido o regimen de terror e força bruta d'esse doido patife, que, para vergonha nossa, por ahi anda a passear em Lisboa, estava vencido o principal e vingado o 31 de Janeiro, data gloriosa da revolução do Porto.

Fracassou esse nobre intuito que teria evitado as mortes de 1 de Fevereiro, pela victoria de um ideal sublime: a Republica.

O fero decreto de 31 de Janeiro assignado pelo rei Carlos foi a sua sentença de morte.

Levou-lho á assignatura o doidomau, inconsciente e torpe que se chamou João Franco e foi elle o unico instigador de tão grande tragedia.

Hoje tripudia ahi esse rico vilão, espãejando-se pelas ruas da cidade, como se tivesse o direito de viver e andar ao lado de homens decentes!

A policia consente-o e elle abusa da sua mais que falsa situação.

Se a revolta do Porto de 31 não vingou e a de Lisboa de 28 redundou n'uma torrente de prisões a esmo, o 1 de Fevereiro sacrificou cinco homens, mas libértou n'esse momento milhares d'elles.

Não approvo nem condemno.

Infelizmente o caso de ha dois annos esqueceu nas altas regiões, que enveredaram pela mesmo caminho de iniquas e aviltantes represalias!

Sua alma, sua palma.

Oxalá que eu não tenha de es crever outro artigo juntando a estas tres datas uma outra cujo commentario não me é licito adivinhar.

Alberto D'Alvas.



Atacae o altar:—o throno cae por si.

Magalhães Lima.

DOIS HOMENS



Manoel Bulça



Alfredo Costa

HA 19 ANNOS...

Ergam-se as pedras da rua
Para fazer barricadas...

Guilherme Braga.

Foi ha 19 annos...

O povo portuguez divorciado do regimen que o conduziu á ruina, incompativel com um rei que o odiava, n'um impeto de ardente revolta, com o enthusiasmo da sua alma vibrando no amor á Liberdade, demonstrava com o seu protesto energico, que era cioso da sua independencia, alcançada no fim de tantas luctas e á custa de tantas vidas.

A *arraia muda* mostrava a todo o mundo que se sabia soffrer, sabia tambem revoltar-se contra a monarchia traidora, solidaria com a desleal Inglaterra, que mais uma vez nos desfeiteava com a brutalidade caracteristica do seu temperamento...

Há 19 annos já o povo portuguez aspirava á Republica, ha 19 annos já o régime estava divorciado da nação...

E hoje que o paiz ainda é dominado por um rei, que a burla do Constitucionalismo ainda se contorce nas vacas do seu prolongado estertor o povo — o bom, o sincero povo portuguez recorda com saudade e admiração os vencidos heroes da Revolta do Porto.

O dia de hoje é de alegria porque recorda um feito heroico, é de tristeza porque nos traz á memoria aquellos bravos que, morrendo pela Liberdade, sacrificando-se pela Republica, offereceram o seu peito arquejante de enthusiasmo, o seu coração febril de ansiedade ás balas traiçoeiras da monarchia, aos canhões atroadores, que se disparavam em defeza do throno e de Sua Magestade El-Rei D. Carlos I, o tyrano que mais tarde havia de pagar bem caro tanta infamia, tanto esbanjamento de tanto assassino...

Como nos dá coragém para novas luctas lembramo-nos do dia 31 de Janeiro de 1891!

Como nos dá mais vigor e alento para o nosso espirito de revoltados, refractario ao arbitrio e á prepotencia do Poder, pronunciar essa data, por tantos titulos gloriosos!

A ardente esperança de triumpho d'aquelles heroes deu-lhes vigor.

Fortes e altivos, audazes e vingadores responderam ao insulto britânico, procurando eliminar o regimen, que o soffria e apoiava n'uma attitude cobarde de rafeiro!

Então, como em 28 de janeiro, a tentativa revolucionaria falhou, attribuindo-se geralmente o lamentavel fracasso á indisciplina dos revoltados!

Não, camaradas, não foi a indisciplina, que segundo Jules Vallés é a alma dos combates do povo; a causa de falhar o movimento ainda hoje, volvidos 19 annos, não podemos com segurança determinar-la.

A Historia, na sua implacavel Verdade, o dirá sem paixões nem facciosismos, legando aos vindouros em paginas gloriosas de Heroismo, de Va-

leantia, de Amor pela Liberdade e pela Republica, o mais bello e sublime legado, o mais util e proveitoso exemplo para combates futuros...

Lembremo-nos dos heroes, recordemos o 31 de janeiro e animados e fortalecidos prosigamos na lucta em que andamos empenhados e vamos á Revolução salvadora, n'este momento grave em que o reaccionarismo vaé dominando em todas as classes, alugando braços, pervertendo consciencias!

Preparemo-nos, camaradas e com o ardor da nossa alma de revolucionarios, com a vehemencia do nosso espirito de republicanos, n'um gesto grandioso, que só nos pode nobilitar e engrandecer, façamos a apothose da Liberdade, implantando a Republica na nossa querida patria!

E' a melhor commemoração d'aquelle heroico movimento...

Foi ha 19 annos...

31 de janeiro de 1910.

Alberto Barbosa.

(Rei Luso).



28 de Janeiro de 1908

Impera o despotismo audaz da dictadura Ebrio d'esse rigor malefico da Russia, Anda o infame *bufo* a demonstrar argucia Atalhando as prisões com vil desenvoltura.

Não se respira já, e n'athmosfera escura, Onde dos cannibae impera a torpe astucia, Dos bufos e espiões a canalhada sucia Tudo o que fôr honesto encarcerar procura!

Nova revolta brota em nossos corações, Preciso é succidir o jogo deprimente E o salvar o paiz dos despotas burlões.

Tentou-se a salvação, porém, infelizmente, Inda ella fracassou por multiplas razões, Mas não impede tal, faz-la novamente!

Orlando.



Para grandes males...

Para os grandes males, grandes remedios.

Isto é já velho demais para que seja necessario repeti lo.

O que é facto, porem, é que os avariados pilotos da não menos avariada nau do estado, como lhe costumam chamar, parece não se querem convencer da verdade d'essas palavras.

Attribuem todos os grandes actos revolucionarios a manejos de creaturas que fazem d'isso o seu sport favorito

Não querem ver como causas do 28, 31 de janeiro e 1 de fevereiro, senão um capricho e um desejo de celebridade.

E enquanto elles assim pensam, o mal augmenta sempre até que seja preciso recorrer ao grande remedio, como se faz aos tumores malignos, cortando-os pela raiz.

Mas d'isso não curam elles; são coisas minimas e a sua posição muito alta!

O carnaval já está fazendo salamaques e por conseguinte é preferivel tratar de mascaras e balandraus

para se organizar uma grande céga-da que pode muito bem acabar portuguesissimamente, com sangue, muito sangue!...

1 de Fevereiro de 1908

Data memoravel esta. Faz hoje justamente dois annos que se deu a horrivel tragedia do Terreiro do Paço. Foi um crime; não restam duvidas que o foi, desde que, perante as leis e os preconceitos da sociedade está estabelecido que o que mata é criminoso.

Admitte a lei, é certo, em todos os casos de criminalidade, sejam elles os mais hediondos até, as chamadas atenuancias, ou seja levar em conta as circunstancias que conduziram á pratica do crime. Mas, nem mesmo assim, quem mata, humanamente e perante a sociedade, deixa de ser assassino; porque ninguem tem o direito, seja porque principio fôr, tirar a vida ao seu semelhante. E' tirar-lhe uma coisa que lhe dá a propria razão de ser; é tirar-lhe uma coisa preciosissima que jámais alguem pode saber o valor em que ella é tida pelo seu possuidor.

Ora, n'essas condições, Buica e Costa, foram dois criminosos.

Mas, vamos nós, agora, ás atenuancias do acto d'esses dois homens, visto que a lei as consente e aceita em julgamento

Buica e Costa, a nosso ver, não assassinaram D. Carlos e seu filho por agravos recebidos directa e pessoalmente. Não.

Os seus actos não foram um anavalhar d'encruzilhada por questões antigas nem uma scena de pauladas ao desmanchar da feira em determinados fulanos! Não foi.

Historiemos um pouco.

Todos sabem o estado em que se encontrava a sociedade portugueza n'essa epoca terrivel, fins de janeiro de 1908.

Lisboa, como algum muito bem o disse n'essa occasião, estava como que sobre um brazeiro. As prisões e fortalezas abarrotavam de cidadãos indefezos. A sua população era uma enorme avalanche de extraviados, perdidos na confusão do labyrintho das extorsões da dictadura franquista

Centenares de familias ignoravam os paradeiros dos seus respectivos chefes. Eram mortos? Viviam? Ninguem o sabia. Era um horror! A fome batia-lhes á porta com toda a semcerimonia; na intimidade dos lares passavam se scenas lacinantes e aterradoras; o desespero chegava ao seu auge com um cortejo de imprecações e maldições.

Procurava-se a causa d'essa verdadeira calamidade e ella existia.

D. Carlos, n'aquella entrevista na cidadella de Cascaes, com o reporter do *Matin* fez a declaração de guerra a todo o paiz, collectivamente.

Disse elle, que *ha muito havia lançado as suas vistas para Franco, como o unico homem, que lhe convinha, porque, reconhecia n'elle uma grande qualidade, que era o ter confiança em si proprio.*

Os proprios monarchicos e toda a conselheirada rotativa que até ali o haviam servido humildemente como rafeiros obediétes, n'aquella entrevista foram classificados de sucata vil e experimentaram no trazeiro o effeito desprezível do bico da bota brigantina. Elles, os mallessos, tambem se revoltaram! Para que negal-o? O proprio *Correio da Noite* que é órgão do governo actual, disse de D. Carlos o que agora se não poderia dizer a quarta parte de D. Manuel!

O conflicto, portanto, estava travado entre a nação e o poder.

O rei, lançou-se incondicionalmente nos braços d'um desvairado que ambicionava crear um grande partido politico, seu, não hesitava até, servindo-se de todos os meios, pôr em almoeda factos pouco lisongeiros para a reputação do chefe do estado.

Os chefes d'estado praticam muitas vezes, essas leviandades, crendo validos, a quem dão poderes discricionarios para resolverem os mais graves problemas dos

negocios do estado, desde que lhes satisficam os seus caprichos, não se lembrando que, estabelecem assim, a falta de respeito e decoro pessoal e official que deve existir entre elles e os seus ministros.

Assim, João Franco, aproveitando habilmente o feitiço orgulhoso e desprezo que D. Carlos nutria pelo povo portuguez, soube insinuar-se-lhe no animo fazendo-lhe varias promessas, entre ellas, a de exterminio de todos os que professassem idéas democraticas. Mas, ao mesmo tempo, lá estava o reverso da medalha como papão de reserva contra o rei.

Levantava na camara dos deputados a questão dos adiantamentos á casa real. Era o que se chama jogar com um pau de dois bicos.

D'ahi a situação tornara-se insustentavel, assim.

Os chefes d'estado, sejam elles reis ou presidentes de republica, precisam integrar-se na vida e interesse dos povos para se manterem como tales. Não devem fazer politica pessoal. Essa acção está fóra das suas attribuições legais. E, é sabido, quando a illegalidade predomina nos altos poderes do estado, ella estende-se até ás camadas baixas e gera muitas vezes nos espiritos o sentimento de revolta.

Mas, como ia dizendo: o conflicto estava travado entre a nação e o poder, que era a dictadura franquista com todos os seus collaboradores.

Já não eram, então, méras illegalidades que se praticavam por parte d'ella. Não. Eram verdadeiros crimes á face das leis modernas estabelecidas nos *Direitos do homem* que a grande nação franceza offerreceu á humanidade inteira.

Tenhamos em vista o decreto de 31.

Como poder, então, manter-se em estado normal uma sociedade em guerra aberta contra o despotismo que pretendia esmagal-a? Impossível.

Portanto Buiça e Costa não foram dois criminosos com agravos pessoases, como já accentuamos. Foram uns factores casuaes que actuaram violentamente interpretando o soffrer de milhões d'almas justamente revoltadas. Foram mandados? Não. Foi a ordem natural das coisas que o determinou. Foi um jacto de colera d'um povo opprimido que se escapou por uma fenda devido á grande compressão.

E foram os attingidos os que mais de perto alimentavam o fogo da caldeira? Não o sabemos dizer. Factos d'esses só pertencem á historia e afigura-se-nos cêdo de mais para a fazer.

Styl.



Tres datas

Na historia do ultimo reinado ha tres datas memoraveis que todos os liberais jamais poderão esquecer. São ellas:

31 de Janeiro de 1891, 28 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 1908.

Não ha coração de portuguez sedento de Justiça que não pulse, ao recordar-se d'esses dias inolvidaveis em que a *Liberdade*, ganhava as primeiras etapas da lucta em que ha tempos anda envolvida e cuja victoria definitiva ha de trazer, para gloria dos democratas portuguezes, a redempção d'este desgraçado paiz, victima constante d'uma cafila de bandidos a quem a *thassabagem* infame chama *hom'ados* governantes.

Bem haja todos os cidadãos, que ao verem a *Liberdade* prestes a ser estrangulada pela torpe Reacção, a arrancarem ás garras do inimigo, e especialmente aquellos que, com sacrificio da propria vida, contribuíram para a sua salvação.

R. d'Almeida.

1 de Fevereiro de 1908

E' já o pôr do sol, o dia já se inclina.
A noute vae 'stendendo o negro e denso veu,
Colóra se de rubro o nosso lindo ceu
E paira pelo ar uma leve neblina.

Irrompe de repente atroz carnificina
Que um dictador causou, algoz convicto ereu,
Pode o franquismo ter no funebre tropeu
O sangue derramado em tetrica chacina!

Cinco mortes! Que atroç!

O' perfido franquismo,
Miseravel traidor, algoz d'um povo afflicto,
Que o nosso Portugal lançavas ao abysmo!

Paz aos mortos, mas odio ao dictador maldito!

Paz aos mortos, mas odio ao fero despotismo!
Viva a **Liberdade**, o sacrosanto mytho!

Orlando.

FERROS CURTOS

O illustre escriptor **Leandro Navarro**, director do brilhante semanario *theatral*, convida **O Xuão** a fazer-se representar n'uma festa intima

Realisou-se no domingo a inauguração das salas de redacção d'este nosso brilhante collega, que é sem duvida o nosso melhor jornal de theatros.

O seu director, nosso presadissimo e distincto collega Leandro Navarro convidou os representantes da imprensa para um delicado *lunch*, que decorreu no meio de grande enthusiasmo.

Ao *champagne* levantaram-se affectuosos brindes aos *Ferros Curtos*, Leandro Navarro, Barros e Silva, Avelino de Sousa, etc.

O *Xuão*, agradecendo o amavel e captivante convite do illustre collega, aproveita a occasião para o sandar mais uma vez, desejando-lhe as maiores prosperidades e infinitos annos de vida e para testemunhar a Leandro Navarro os protestos da nossa consideração.

Entre os assistentes lembra-nos de ter visto além dos redactores do semanario os srs. Santos Tavares, Cunha Belem, Brito Freire, Urbano Rodrigues, actores José Ricardo, Valle, Alfredo de Carvalho, Telmo Larcher, Luiz Derouet, Barbosa Junior, *Kk. To e Rei Sôgára*, com quem estivemos em *muilo alegre* cavaqueira, etc., etc.

O *Xuão* fez-se representar pelo nosso camarada de redacção Alberto Barbosa (*Rei Luso*).

Theatradas

Estamos em pleno Carnaval. Tudo pensa na folia, nos bailes e na pandega desenfreada.

Os theatros preparam os seus melhores *menús* para esta semana em que as serpentinaes e os *confettis* embaraçam um pouco a arte.

Isto se a policia, a *moralissima* e obnoxia entidade, não prohibir tudo e mais alguma coisa como prohibiu umas inoffensivas receitas particulares proprias do tempo.

Esta *uoralidade* ha de ser cantada um dia em verso heroico e talvez se prove que

tambem o diabo depois de velho se fez frade!

Será bom não esquecer que o actual governador civil foi quem mandou ha tempos apprehender os bilhetes postaes illustrados do genero *nú* e que o Lacerdinha manda prender as *borboletas*.

Hão de receber a benção do Papa e levar para a cova o palmito e capella da santa virgindade!

Adeante.
Sendo este numero especial dedicado a factos serios e importantes da nossa historia só lhes diremos em poucas palavras o que vae pelos theatros.

D. Maria—*A margem do codigo*, bella peça de Barreto da Cruz.

D. Amelia—*T odoró & C.*, um successo de gargalhada. Na sexta-feira, 4, festa de José Ricardo com a *première* da satyra de Schwalbach *A feira do diabo* e do *Stradivarius*, tradução de Carlos Trilha.

Gymnasio—As novas peças *Moy-sés*, *Agencia feminina* e *Ciúmes*, tres peças distinctas e uma só verdadeira gargalhada.

Avenida—A opera comica o *Sonho de valsa* e outras operas comicas de subido valor.

Principe Rael—*Sol e Sombra*, uma revista de truz e quando se apaga a luz o publico vae logo comprar bilhete para a noite seguinte.

Rua dos Condes—*Fado e Maxixe*, peça que nunca mais deixa o cartaz.

Paraiso de Lisboa—*O prato do dia*, revista.

Colysen dos Recreios—Companhia infantil de opera italiana. Grandes bailes de mascaras nos dias de Carnaval.

Trindade—*Sonho de valsa*, *Viuva alegre*, *Espadachum do outeiro*, emfim um repertorio variadissimo que permite mudar os espectaculos todos os dias.

Cotyseu de Lisboa, companhia equestre e de variedades, bailes de mascaras.

Etoile, companhia de zarzuela hespanhola.

A respeito de animatographos temos tudo isto:—**Salão Foz**, **Avenida**, **Musie-Hall**, **Rocio**, onde reina a petisada, **Phantastico**, **Casino Italia** na rua da Gloria, **Salão da Trindade**, **Chiado Terrasse**, **Salão Ideal** e outros divertimentos onde o *Zé* se pode divertir baratinho.

Como o espaço é pouco... *au revoir*.

SECRETARIO.



Calendarios-Brindes

Recebemos os seguintes, o que muito agradecemos a amabilidade da offerta:

Do Centro Commercial da Graça, J. J. Marques & Ferreira, Largo da Graça, 5, 6 e 7.

Do Centro Commercial d'Alfama, José Alves Nunes, rua do Vigario, 74B a 74.

Do deposito de Vinhos Serradayres, rua do Alecrim, 47.

Da Fabrica de Conservas de Espinho, Brândão Gomes & C.^a

Da antiga Fabrica Baebelay, Viuva de J. P. Marcello, rua da Boa Vista, 43.

Todos elles são um primor de modelo e excepção, e alguns constituem verdadeiras novidades artisticas.



MEMORANDUM UTIL

Magalhães Peixoto—Instituto Contabilista. Cursos de escripturação commercial. R. de S. Julião, 162, 3.^o.

Conservaria Pomona—Doces, pudings, conservas e tructas crystalisadas. R. da Prata, 111 e 113, esquina da travessa de S. Nicolau.

Restaurant Chuva—Almoços, jantares e ceias a preços módicos. Serviço por lista. R. S. Julião, 31 a 67.

CAUSAS E CAUSADORES



O 31 DE JANEIRO DE 1891

O 28 DE JANEIRO DE 1908

Raul